

Considerações Finais

Durante o período de geração de dados e análise que deram origem a essa dissertação, diferentes questionamentos foram levantados e busquei comentá-los em forma de episódios relevantes ao longo do texto. A análise preliminar da estória de Rafael deu origem a contatos com outros grupos do Movimento Humanista, até então desconhecidos por mim, que também realizavam algum tipo de pesquisa acadêmica nas áreas de Psicologia, Sociologia e Antropologia, gerando intercâmbios e *puzzles* que já não tenho como reportar integralmente.

Os entendimentos em relação a como nossas estórias compensavam dificuldades que expusemos em nossa APE 2, ao analisar nossos climas e tensões, foram tema para debate em diferentes ocasiões, sempre informalmente. Ao terminar o processo de escritura dessa dissertação, nosso grupo encontra-se em um momento no qual cada um de nós propôs-se agir com mais autonomia para criar suas próprias equipes e a compreensão, proveniente desta análise, do peso hierárquico existente em nossa estrutura nos levou a gerar um novo questionamento: Como podemos em tempos de tamanha informalidade gerar equipes nas quais as pessoas sintam-se verdadeiramente incluídas? Devemos buscar formas menos rígidas de participação? Como podemos seguir trabalhando com nosso respeito pela qualificação e experiência, pelos modelos deixados por aqueles que nos antecederam, sem com isso tolher a criatividade e as diferentes formas de apoio trazidas por aqueles que se aproximam de nós agora?

Nosso grupo tem como um de seus principais objetivos nesse momento abrir-se ao trabalho com as novas gerações e ampliar a divulgação de suas idéias através de formatos audiovisuais. No entanto, quase todos fomos formados em uma época na qual o Movimento gerava seus quadros, seus pilares e estava baseado fortemente em uma orgânica disciplinar. Avaliando as compreensões a que este trabalho nos levou, nos consideramos privilegiados por termos a oportunidade de sermos formados com tamanha dedicação e disciplina. Porém, compreendemos que uma mudança de forma é necessária se pretendemos alcançar as novas gerações e ampliar nosso trabalho para

além de nossa equipe. Consideramos também que tal mudança de forma não deve significar que os conteúdos em que nos baseamos devam ser apresentados de maneira superficial e sim adaptados a uma nova linguagem.

Frente a esse novo desafio, a presente dissertação foi bastante útil em dois aspectos: gerar uma compreensão mais aprofundada de que discurso trazemos conosco, como melhor maneira de saber adaptá-lo aos novos que chegam. Um segundo aspecto é ter despertado em alguns de nós o interesse por um estudo mais profundo de nossa visão de homem e mundo, que começou como a necessidade de dar embasamento ao contexto de pesquisa e acabou gerando propostas de grupos de estudos em Psicologia da Imagem e aprofundamento em relação a nosso conceito de consciência.

Considero que as questões aqui pinceladas geram expectativas em relação à construção de futuros puzzles, indicando possíveis temas para a continuidade do presente trabalho de pesquisa. Dentre os temas que mereceriam maior aprofundamento, destaco o questionamento dos conceitos de poder e ideologia, bem como a maneira a partir da qual, esclarecidos tais conceitos, poderíamos identificar a hierarquia em nosso discurso. Em futuros desdobramentos da presente dissertação, parecer-me-ia interessante explorar as maneiras pelas quais nosso grupo que se mostrou extremamente hierarquizado, pode beneficiar-se de uma análise crítica de tal hierarquização, como forma de apoiar o trabalho de construção de equipes que realizamos.

Todo o trabalho de análise foi de grande valia em termos de autoconhecimento para mim e para meus pares. Acredito que os entendimentos gerados a partir deste trabalho já estejam se refletindo em nosso trabalho como orientadores em formação. O mais importante, no entanto, é que tais entendimentos admitem diferentes níveis de profundidade. Segundo alguns de nossos participantes, infinitos níveis de profundidade, que permitem a construção de uma aprendizagem ilimitada. Cada vez que estudamos nossos limites e os compreendemos, damos um novo passo em direção à sua superação. Cada vez que resignificamos nossas histórias de aprendizado, aprendemos mais sobre nosso trabalho e sobre nós mesmos. Parece não existir uma única visão do que é/ faz um orientador, sendo este um trabalho em

eterna construção, que tão somente pode ser compreendido a partir da miríade de conceitos identitários presentes em nossos relatos de experiência cotidiana.